O CONCEITO DE ENUNCIADO E SEU LUGAR NA ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA

THE CONCEPT OF ENUNCIATION AND ITS POSITION IN BAKHTINIANIAN ARCHITECTURE

João Marcos Mateus KOGAWA[*]

Resumo: O conceito de enunciado, unidade material para a compreensão do funcionamento discursivo no interior dos gêneros do discurso, abre diversas possibilidades para a análise de textos à medida que expande os limites do objeto focalizado. Essa expansão significa que tanto uma frase quanto um texto ou um obra toda podem ser tomados como enunciados. Pelos critérios bakhtinianos, o fechamento dessa unidade analítica se dá à medida que se pode responder a ela, ou seja, sempre que houver enunciado, pode-se apreender uma "resposta" e uma "pergunta". Nesse sentido, tal categoria faz intervir no processo interpretativo e produtivo do discurso a interação verbal. Neste artigo, esboçamos algumas considerações feitas por Bakhtin a respeito dessa noção e da diferença entre ela e os conceitos de oração e frase.

Palavras-Chave: Gêneros do discurso; enunciado; oração.

Abstract: The concept of enunciation, unit material for understanding the discursive functioning within the genres of discourse, opens up many possibilities for the analysis of texts as it expands the boundaries of the object focused. This expansion means that both a sentence as a text or an entire work can be taken as enunciation. Under the Bakhtin's criteria, the closing of the unit cost is given as it can respond to it, ie, whenever statement, we can learn a "response" and a "question". In that sense, this category brings to the interpretative and productive process of the discourse the verbal interaction. In this article we outline some considerations made by Bakhtin about this concept and the difference between it and the concepts of sentence and phrase.

Keywords: Genres of discourse; enunciation; sentence.

O enunciado como unidade material dos gêneros discursivos

Para Bakhtin, a noção de enunciado atrela-se aos gêneros do A existência de gêneros (entidades relativamente estáveis que permitem ao sujeito produzir enunciados) marca a natureza social da produção discursiva a partir da qual emerge a sócio-individualidade materializada

[*] Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAr, sob orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário F. V. Gregolin. Contatos: jmkogawa@gmail.com.

no/pelo enunciado. Ao mesmo tempo em que os gêneros discursivos "moldam" e, de certa forma, condicionam a existência dos enunciados, eles não podem ser apreendidos fora dessa última instância, ou seja, um gênero jamais se apresenta em sua totalidade, mas a partir de manifestações sócio-particulares do discurso-enunciado.

Os enunciados ganham realidade semântica na medida em que integram uma rede de possibilidades discursivas relativamente estáveis. A materialidade, formalidade e discursividade do enunciado não ganham sentido para o leitor/ouvinte – e também para o falante – se não participarem de um campo reconhecível.

Ao pensarmos na proposta de "análise linguística" bakhtiniana, entendemos que o objeto considerado relevante é aquele que funciona como unidade da comunicação discursiva. Isso se deve ao fato de que, para o russo, a língua não existe fora da interação verbal. Sob esse prisma, é importante ressaltar que a leitura bakhtiniana do *Curso de linguística geral* é atravessada por um impasse em torno da *langue* saussuriana. O enunciado, sob esse prisma, permite pontuar alguns distanciamentos que merecem atenção[1] na medida em que coloca, a partir da relação enunciado/gêneros do discurso, formas distintas de se conceber a língua. Com efeito, algumas concepções de língua – uma ligada ao pensamento de Saussure e outra a Humboldt e Vossler – vão ser objeto de extensa crítica por parte de Bakhtin.

No início do texto sobre "O Enunciado como Unidade da Comunicação Discursiva", Bakhtin tece uma crítica semelhante à feita por Voloshinov em "Marxismo e Filosofia da Linguagem" (1999). Contudo, há algumas nuances interessantes. Uma delas é a não denominação das duas correntes em "objetivismo abstrato" e "subjetivismo idealista". Além dessa pequena diferença terminológica, é possível pensar em um ponto divergente com relação a Saussure que nos parece pouco explorado em "Marxismo e Filosofia da Linguagem", qual seja, a questão da recepção passiva. Nesse sentido, enquanto o ponto nodal da crítica feita no texto de 1929 é o exacerbado "formalismo" subjacente às teses saussurianas, em "Os Gêneros do Discurso", a crítica volta-se mais diretamente para o modelo de comunicação postulado por Saussure (ou pelo menos possibilitado a partir do CLG).

[1] Mais uma vez encontramos Bakhtin no entremeio de duas tendências correntes em sua época: Humboldt – apontado também em Marxismo e Filosofia da Linguagem (1999) – e, novamente, a figura de Saussure.

Bakhtin critica a ideia de que o ouvinte seria alguém passivo, ou seja, um decodificador. Ao contrário, o receptor é uma das instâncias que determina a produção discursiva. Isto é, no momento de produção do enunciado, o sujeito já antevê seu receptor, ou seja, o processo de construção do discurso não é individual, mas já encerra a relação entre o eu e o outro.

Sob essa ótica se, por um lado, o enunciador não produz "por si mesmo", mas já antevê o receptor, por outro lado, o receptor não apenas aceita passivamente o que lhe é dito, mas, no momento de apreensão do sentido, constrói – ativamente – sua leitura a respeito do que está sendo dito e, a partir disso, toma uma atitude responsiva diante do que lhe é enunciado. A comunicação não é uma via de mão única em que o dizer se direciona ao ouvinte passivo, mas uma via de mão dupla em que o enunciado se torna aquilo ao qual se responde. De acordo com Bakhtin (2003, p.271):

> Até hoje ainda existem na lingüística *ficções como o "ouvinte" e o "entendedor" (parceiros do "falante", do "fluxo único da fala", etc.)*. Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva. Nos cursos de lingüística geral (inclusive em alguns tão sérios quanto o de Saussure), aparecem com freqüência representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte.

Ainda com relação aos distanciamentos bakhtinianos, percebemos outros dois nomes citados por ele e que também representam concepções reducionistas da língua. Trata-se de Vossler e Humboldt. Bakhtin critica a ideia de que o ato de produção discursiva é algo individual e contraria a noção de "função expressiva". O problema se dá na medida em que pensar como Vossler implica considerar que a língua atende às necessidades do homem de "auto-expressar-se" ou de "objetificar-se". A essência da linguagem restringe-se à "criação espiritual do indivíduo". Mais uma vez, Bakhtin problematiza a desconsideração da natureza comunicativa da linguagem.

No caso de Humboldt, Bakhtin questiona a consideração da linguagem como elemento formador do pensamento. Nesse sentido, temos a questão central da "função comunicativa da linguagem" em detrimento da função "subjetivista":

> A essência da linguagem nessa ou naquela forma por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo. Propunham-se e ainda se propõem variações um tanto diferentes das funções da linguagem, mas permanece característico, senão o pleno desconhecimento, ao menos a subestimação da função comunicativa da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do falante, como que de *um* falante sem a relação necessária com outros participantes da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, p. 270, grifo do autor).

Bakhtin faz confrontar duas importantes correntes linguísticas e não faz parte de nenhuma delas. Tal posicionamento remete ao objeto considerado por ele como relevante para uma concepção de linguagem: o enunciado. Isso significa que sua concepção de linguagem implica comunicação, ou seja, a presença de no mínimo dois indivíduos que interagem na história (um enunciado não nasce sozinho). Nenhum ato de produção discursiva deve ser entendido como individual, como queriam os "subjetivistas", nem passivo, como queriam os "formalistas".

O enunciado não é uma unidade convencional "criada" pelo linguista para uma abstração teórica, mas unidade real da comunicação enquanto instância vinculada ao momento de enunciação dialogizado. Ele integra um jogo de respostas veiculadoras de valores e posicionamentos sócio-históricos. Obviamente, Bakhtin não descarta o caráter material do enunciado. Contudo, um procedimento de descrição linguística (fonética, morfológica, sintática) não é o caminho percorrido por ele para estudar a linguagem, mas uma abordagem dos valores e respostas dialogadas que ela suscita na medida em que se alternam os falantes na produção dos enunciados:

> O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o 'dixi' percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2003, p. 275).

No percurso de definição do enunciado, Bakhtin faz confrontar essa categoria com algumas noções de cunho "gramatical" por meio das quais se pode pensar em uma definição pela negativa, ou seja, por aquilo que ele não é. Inicialmente, o autor distingue oração e enunciado, uma vez que as duas categorias suscitam diferentes formas de abordagem. Ao pensar a distinção oração/enunciado, parte-se da ideia de que a oração

nunca é determinada pela alternância dos sujeitos falantes. Ela é um enunciado pleno, ou seja, o contexto oracional é o mesmo do sujeito que fala. Não há abertura para resposta, mas uma pausa para que o próprio sujeito passe a seu próximo pensamento "individualizado". A oração não se relaciona com o contexto extraverbal que a cerceia e nem com as enunciações de outros falantes. É regida por critérios gramaticais e, por isso, não integra o campo das unidades de comunicação discursiva. De acordo com Bakhtin (2003, p.278):

> A oração enquanto unidade da língua carece de todas essas propriedades: não é delimitada de ambos os lados pela alternância dos sujeitos do discurso, não tem contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal) nem relação imediata com enunciados alheios, não dispõe de plenitude semântica nem capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do outro falante, isto é, de suscitar resposta.

O enunciado, por sua vez, contraria todos os critérios de determinação da oração enquanto unidade estritamente linguística. As pausas suscitadas pelo enunciado não atendem a uma necessidade do próprio falante enunciador de passar ao próximo pensamento. Elas não são delimitadas apenas pelos critérios gramaticais. Mais que isso, o enunciado pausa para que o outro entre no diálogo e responda às perguntas levantadas, ou seja, para que se alternem os sujeitos do discurso.

Nesse sentido, a arquitetônica dos gêneros secundários (canção, romance, texto científico, por exemplo) pode ser entendida a partir da ideia de que esses gêneros são conjuntos complexos de unidades da comunicação discursiva e são delimitados, não pela sequência lógica das frases que os compõem, mas pela alternância dos sujeitos falantes em torno dos enunciados produzidos. Uma obra adquire sua individualidade a partir do modo como o autor lida com as várias vozes que integram seu discurso e das perguntas que esse enunciado pretende responder/levantar.

Um gênero discursivo – conjunto complexo de enunciados – enquanto integrante da réplica dialogizada, constitui-se como elemento diante do qual se deve posicionar. Ele atende a uma demanda sócio-histórica e suscita respostas/perguntas dentro de determinado espaço da comunicação discursiva. Sob essa ótica, os enunciados constituem-se em uma inscrição institucional e, dessa forma, respondem

ao regime sócio-político em que circula. Uma citação do texto bakhtiniano possibilita ampla reflexão sobre a questão da obra enquanto réplica não-neutra desse diálogo social:

> A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras – enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Sob a perspectiva de que os enunciados são delimitados, dentre outras formas, pela alternância dos sujeitos falantes, é imprescindível considerar que os lugares de enunciabilidade são centros de re-produção valorativa sócio-historicamente constituídos. Não há enunciado neutro, mas pontos de vista a respeito do mundo tal qual é percebido[2]. Nesse ponto material de intercambialidade encontram-se diferentes vozes que constituem o quadro da comunicação cultural na medida em que representam o ponto de vista de diferentes lugares subjetivos e de diferentes lugares de construção discursiva.

Sob esse prisma, o diálogo não é apenas interação entre dois sujeitos num mesmo tempo/espaço em que um fala enquanto o outro assimila. O dialogismo bakhtiniano propõe-nos uma ativação de memória que permita estabelecer domínios de correlação entre certos enunciados. Essa atualização da memória parece ser um dos pontos cruciais para que os sujeitos posicionem-se diante dos enunciados e respondam a eles. Isto é, fazer dialogar, discordar, concordar são atos ligados a um regime de memória: deslocamento das fronteiras passadas e futuras para o presente movediço. Parece ser nessa direção da memória que Bakhtin (2003, p. 286, grifo do autor) aponta quando fala em "imaginação discursiva":

[2] Embora em "Estética da criação verbal" Bakhtin faça várias considerações sobre como o sujeito percebe o mundo, mais particularmente, no longo texto sobre "O autor e o herói", não nos deteremos sobre esse viés fenomenológico do trabalho bakhtiniano. A noção de percepção aqui não pretende ser exaustiva nesse sentido.

> Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa *imaginação discursiva* e determina a nossa escolha[3].

A partir do que foi dito até agora, podemos destacar três pontos que Bakhtin considera imprescindíveis para conferir ao enunciado seu caráter de conclusibilidade. Já falamos anteriormente da alternância dos sujeitos falantes. Os elementos destacados agora completam o caráter antes citado. De acordo com Bakhtin (2003, p. 280, grifo do autor), "O primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de *responder a ele*".

A partir da ideia de que o enunciado tem um acabamento, são enumerados três elementos determinantes para que esse acabamento se concretize. A primeira consideração diz respeito ao fato de que o enunciado possui uma "exaurabilidade do objeto e do sentido". Bakhtin divide a ideia da exaurabilidade de acordo com o caráter dos gêneros. Ele pondera que gêneros discursivos de natureza padronizada (uma ordem, um pedido, bem como enunciados de natureza factual) exaurem com maior totalidade seu objeto, ou seja, as possibilidades de leitura sobre enunciados dessa natureza são mais limitadas em função do caráter "pragmático" de seu sentido (que quase sempre está vinculado a uma ação empírica).

Existem gêneros que possibilitam maior número de leituras devido à maior intensidade do elemento criativo no processo de produção. Trata-se de discursos do campo literário, musical etc. Nesses campos de atividade humana, o objeto do enunciado torna-se praticamente inexaurível. De acordo com Bakhtin (2003, p. 281),

> Nos campos da criação (particularmente no científico, evidentemente), ao contrário, só é possível uma única exaurabilidade muito relativa; aqui só se pode falar de um mínimo de acabamento, que permite ocupar uma posição responsiva.

Contudo, Bakhtin não para por aí com sua descrição do caráter "conclusivo" do enunciado. Além da "exaurabilidade do objeto e do sentido", há um "projeto de discurso ou vontade de discurso do

[3] O destaque é nosso.

falante". Essa ideia deve ser entendida com certas ressalvas para que a unilateralidade não reduza o pensamento bakhtiniano. Não pensamos em um projeto de discurso intencional no sentido de "intencionalidade psicologista". Obviamente o enunciado construído pelo sujeito encerra um projeto discursivo (ou uma intenção), mas essa intenção não deve ser entendida como o oculto inconsciente ao qual temos que chegar para descobrir o sentido de um texto. Pelo contrário, a intenção é elemento constitutivo do enunciado e deve ser analisada a partir do que foi dito. A intenção do falante deve ser entendida no sentido de que ela passa a ser o processo ativo de interpretação/construção do leitor, ou seja, deixa de ser propriedade do falante e integra o universo valorativo do intérprete ativo.

Por último, um terceiro ponto: a conclusibilidade a partir das formas estáveis de enunciado. Nesse momento, de forma especial, entendemos que se inter-relacionam mais visivelmente os conceitos de dialogismo, plurilinguismo e o conceito de gênero discursivo, pois consideramos que, quando Bakhtin fala do plurilinguismo no romance em "Questões de literatura e de estética" fica patente que esse conceito advém da ideia de que a linguagem, no romance, aproxima-se da realidade viva da linguagem em uso, ou seja, representa estratificações. Tais estratificações não separam os campos da atividade humana de maneira estanque, mas permitem pensar a heterogeneidade da linguagem romanesca e, portanto, da linguagem em seu uso histórico e social, na medida em que os diversos lugares da atividade humana interagem de alguma forma. Assim, o plurilinguismo reclama o diálogo entre diversos espaços histórico-socialmente constituídos e a estratificação da linguagem permite pensar o funcionamento dos diferentes gêneros do discurso. Os gêneros discursivos são uma das pré-condições para a comunicação discursiva:

> Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p. 24).

Contudo, a apreensão dessa categoria em sua totalidade é impossível. Por isso, Bakhtin não propõe uma tipologização de gêneros do discurso. Mais que isso, pensar a existência de uma estratificação linguística por gêneros serve como elemento a mais para que o analista pense o texto diante do qual se encontra. O estudo desse texto – ainda

que parta da ideia de que ele pode ser inserido em determinado campo de atividade humana – não deve ser restrito a um preconceito, mas sim uma reconstituição semântica empreendida a partir do que está manifesto no/pelo enunciado. Bakhtin (2003, p. 286) afirma que

> Uma das causas do desconhecimento lingüístico das formas de enunciado é a extrema heterogeneidade destas no tocante à construção composicional e particularmente à sua dimensão (a extensão do discurso) – da réplica monovocal ao grande romance. Uma diferença acentuada nas dimensões também ocorre no âmbito dos gêneros do discurso oral. Por essas razões, os gêneros do discurso se afiguram incomensuráveis e inaplicáveis na condição de unidades do discurso.

Sob esse prisma, a natureza sócio-individual do enunciado não permite a manifestação de todas as potencialidades de um gênero discursivo, o que torna o gênero uma categoria movediça e multifacetada, com manifestação sempre parcial. O fato de sabermos se determinado texto é um romance não nos permite afirmar que todos os romances são iguais, mesmo que apresentem a mesma arquitetônica.

A noção de enunciado é importante para que pensemos o *status* de vários conceitos bakhtinianos, como o de polifonia, dialogismo, plurilinguismo, entre outros. A relação autor-herói, para citar outros conceitos, só pode ser pensada a partir de enunciados que constroem tal relação. A monologia e a polifonia só podem ser pensadas por meio dos enunciados construídos a partir da relação entre autor-herói na atividade estética. O diálogo só pode ser realizado se existirem enunciados. Por último, o sujeito só pode existir a partir das vozes que enuncia, ou seja, pelos enunciados que produz.

Referências

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003. p. 3-186.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____. O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003. p. 307-335.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski.* 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Questões de literatura e de estética:* a teoria do romance. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1988.

BRAIT, B. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. F. V.; BARONAS, R. (Orgs.). *Análise do discurso:* as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2001. p. 19-35.

CASTRO, G. Enunciado e discurso: um diálogo entre o Círculo de Bakhtin e Michel Foucault. In: CASTRO, G.; FARACO, C. A.; TEZZA, C. (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin.* Petrópoles: Vozes, 2006. p. 114-124.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo na vida e diálogo na teoria. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin* – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

TEZZA, C. *Entre a prosa e a poesia:* Bakhtin e os formalistas russos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Recebido em 20 de janeiro de 2010.
Aceito em 25 de março 2010.